

Kenosis e secularização como núcleo do Cristianismo pós-moderno no pensamento de Vattimo

Kenosis and secularization as the core of postmodern Christianity in Vattimo's thought

Mauro Sérgio Rota Teixeira¹

 <https://orcid.org/0009-0005-6640-6833>

Resumo: Ao refletir sobre o Cristianismo na pós-modernidade, por meio da hermenêutica filosófica de Gianni Vattimo, podemos visualizar o paralelo entre seu conceito de “Pensamento Fraco”, a teoria da *kenosis* do Messias Jesus e o processo de secularização na modernidade. Nesse contexto, este artigo visa refletir sobre a transvaloração ou superação presente nessa simetria de ideias. Destarte, demonstrar como o exemplo de esvaziamento de poder divino, deixado pela humanidade de Jesus, elemento crucial e transformador da experiência humana, está presente na filosofia baseada no enfraquecimento do ser como chave de leitura da pós-modernidade anunciada por Vattimo. Uma reflexão que vislumbra preceitos basilares do Cristianismo das origens para a *pós-modernidade ou modernidade tardia como preferia Vattimo*. Um Cristianismo vivenciado de maneiras multiformes, sem estruturas bloqueadoras, cuja busca pela redenção, pelo “religare”, seja firmada no encontro de sentido na vida encarnada e encontra no processo de secularização a possibilidade de realização da mensagem cristã.

Palavras-chave: Cristianismo pós-moderno; Kenosis; Secularização.

Abstract: When reflecting on Christianity in post-modernity, through Gianni Vattimo's philosophical hermeneutics, we can visualize the parallel between his concept of “Weak Thought”, the theory of the kenosis of the Messiah Jesus and the process of secularization in modernity. In this context, this article aims to reflect on the transvaluation or overcoming present in this symmetry of ideas. Thus, demonstrating how the example of the emptying of divine power, left by the humanity of Jesus, a crucial and transformative element of human experience, is present in the philosophy based on the weakening of being as a key to reading postmodernity announced by Vattimo. A reflection that glimpses basic precepts of Christianity from its origins to post-modernity or late modernity as Vattimo preferred. A Christianity experienced in multifaceted ways, without blocking structures, whose search for redemption, for “religare”, is established in the finding of meaning in incarnated life and finds in the process of secularization the possibility of realizing the Christian message.

Keywords: Christianity postmodern; Kenosis; Secularization.

¹ Mestre em teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, PR, Brasil - E-mail. mauro@ftsa.edu.br

Introdução

Gianni Vattimo, criado em uma família católica, afastou-se da religião na juventude, para mais tarde, desenvolver uma filosofia que incorporava elementos do Cristianismo e se descreveu como um “cristão fraco”. Vattimo como expoente do pós-modernismo europeu, propõe uma interpretação pós-moderna da filosofia de Nietzsche. Em seu conceito de “pensamento fraco”, provoca-nos a refletir sobre a possibilidade de uma transvaloração para a modernidade tardia, ou seja, tudo aquilo considerado forte até os dias atuais, ser questionado, trazendo a luz uma nova interpretação, passando a considerar e dar relevância ao que fora desconsiderado e deixado à margem da história, possibilitando valorizar o pensamento marginalizado, valorizando o vulnerável. Parte de sua experiência religiosa pessoal e das leituras que fez da modernidade, foram baseadas em Nietzsche² e Heidegger³ e para formular seu pensamento sobre o processo de secularização, que aponta para causas e mudanças nos conceitos existentes na modernidade. Sendo a secularização o modo segundo o qual se realiza o enfraquecimento do ser e tendo como paradigma e ponto nodal da salvação no Cristianismo, o evento da *kenosis* do Messias Jesus, que se esvazia de sua condição divina para vivenciar e exemplificar a integralidade da vida humana.

Em busca de um melhor entendimento de como a secularização conduz o pensamento sobre a religião e o próprio Cristianismo na sociedade contemporânea, Vattimo pontua que o processo de secularização na modernidade, tem sobre a religião, particularmente a cristã, um efeito positivo e não representa uma ameaça ao Cristianismo, mas sim, realiza sua própria mensagem, podendo fazer uma leitura desse processo, como um lugar no qual se revela o plano de salvação de Deus.

Observando a dificuldade do Cristianismo em acolher as diferenças, justamente quando essas vozes ganham corpo na sociedade e na religião contemporânea, Vattimo reabre a discussão filosófica sobre as formas do renascimento do sagrado. Nesse contexto, concordando com Vattimo, o renascimento do interesse pela religiosidade acontece exatamente quando experienciamos a inteireza e a integralidade da existência humana.

O Cristianismo na sociedade contemporânea deve perceber a importância de se buscar uma teologia kenótica da secularidade, ou seja, tendo como paradigma a própria *kenosis* do Messias Jesus, o pensamento divino encarnado, vivenciado na vida pública. Isto mostra que o caminho mais salutar é conseguirmos atualizar continuamente o pensamento cristão, em um equilíbrio que não nos coloque como secularistas, nem fundamentalistas. Vattimo defende que justamente em toda essa experiência de

² Friedrich Nietzsche é um dos principais filósofos da contemporaneidade. Crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha. Sua vasta obra inaugurou temas na filosofia e questionou assuntos tidos como “intocáveis”.

³ Martin Heidegger foi um filósofo, escritor, professor universitário e reitor alemão. Foi um pensador seminal na tradição continental e hermenêutica filosófica, e é “amplamente reconhecido como um dos filósofos mais originais e importantes do século XX”.

dissolução, ou enfraquecimento das estruturas fortes, é que podemos ver a ação e o caráter da *kenosis* na história da salvação.

Desta forma, o artigo divide-se em três partes. Na primeira, verifica-se como o fundamento kenótico do Cristo encontra paralelos no processo de secularização e no conceito de pensamento fraco de Vattimo. Na segunda, apresenta uma reflexão teológica sobre a *kenosis* do Messias Jesus, seu esvaziamento de poder e as implicações para a compreensão da encarnação e do serviço cristão. Por fim, reflete-se sobre o processo de secularização como possibilidade de realização da mensagem cristã na pós-modernidade.

Um Cristianismo para a modernidade tardia no “Pensamento fraco” de Vattimo

Para Vattimo, a pós-modernidade nasce com o pensamento de Nietzsche, que percebe a abordagem do problema da modernidade como decadência. E diz que somos pós-modernos não porque vimos depois da modernidade, porque vindo depois, estamos a frente e em direção a algo melhor ou pior; somos pós-modernos porque não existe mais sentido as dimensões que, para a modernidade, eram sempre temporais e com um padrão dominante de valores.

Como quem lê e entende Nietzsche, utiliza seu pensamento para dar luzes ao inverso, ao contraponto, Vattimo nos apresenta uma novidade que é a concretização da transvaloração de Nietzsche, uma filosofia baseada no enfraquecimento do ser como chave de leitura da pós-modernidade é anunciada como a era do “pensamento fraco”, a era do “mas também”. O “pensamento fraco” é um conceito que nos provoca refletir a possibilidade de uma transvaloração para a modernidade tardia, ou seja, tudo aquilo considerado forte até os dias atuais, ser questionado, trazendo a luz uma nova interpretação, possibilitando valorizar não só as grandes narrativas, passando a considerar e dar relevância ao que fora deixado à margem da história. Outra novidade no pensamento de Vattimo é a celebração da diferença, Vattimo propõe que a diferença seja uma parte fundamental da existência humana e deve ser valorizada, argumentando que a diferença é uma parte intrínseca da nossa experiência como seres humanos, e que tentar negá-la ou suprimi-la é negar nossa própria humanidade. Essa celebração da diferença também está ligada à sua visão de uma nova forma de religiosidade baseada na aceitação da finitude e da contingência da existência humana. Ao abraçar a diferença como uma parte fundamental da condição humana, Vattimo sugere que podemos encontrar uma nova forma de religiosidade que valoriza a diversidade e a pluralidade de experiências religiosas.

O pensamento fraco era a ideia de utilizar o alívio das relações sociais, produto da tecnologia, até realizar uma forma de libertação. Emancipação por meio da inflação: se você tem só um canal de televisão,

o que ele lhe diz parece religião; se tiver vinte, você se lixa. E a Pós-modernidade, isto é, o fim da sociedade racionalizada, da sociedade com a racionalidade central, este sim é um desenvolvimento sério, em frente, da crise da razão. (Vattimo/Paterlini, 2018, p. 103).

No conceito de “pensamento fraco” de Vattimo, o destino da história da salvação não encontra mais força em uma Igreja como instituição poderosa cuja missão é guerrear contra a secularidade, enquanto peregrina lutando pelo seu crescimento, autopreservação e observa a destruição deste mundo. Segundo Vattimo, o Cristianismo na sociedade contemporânea deve perceber a importância de se buscar uma teologia kenótica da secularização, ou seja, tendo como paradigma a própria *kenosis* do Messias Jesus, o pensamento divino encarnado, vivenciado na vida pública. Mostrando que o caminho mais salutar para vivência desse Cristianismo é conseguirmos atualizar continuamente o pensamento cristão, em um equilíbrio que não nos coloque como secularistas, nem fundamentalistas. Vattimo defende que justamente em toda essa experiência de dissolução, ou enfraquecimento das estruturas fortes, é que podemos ver a ação e o caráter da *kenosis* na história da salvação e que no processo de secularização encontra-se a possibilidade de realização da mensagem cristã.

O fundamento kenótico do Cristo como paradigma

Na teologia contemporânea, *kenosis* é ação de um Deus totalmente entregue ao outro para se relacionar e se encontrar no outro; um Deus que testemunha e chama a seguir seus exemplos. O humano, em Deus, é chamado a ser kenótico, a entrar em relacionamento com Deus e com o outro. É chamado a se esvaziar para se encontrar no outro. O despojamento de Cristo e o esvaziamento têm o princípio da própria natureza divina, pois sem isso, se tornariam sem fundamento. O fundamento kenótico do Cristo, da vinda de Jesus aos homens, na encarnação, é paradigma para a ação kenótica do humano chamado a descer ao outro; Deus que veio na criação e na história humana, vindo para estar presente, atuante, pois o é fonte inesgotável do amor *ágape* kenótico, que se esvazia para vir ao encontro do outro.

Neste artigo não vemos como ponto modal, nem como cerne da questão a discussão sobre de que forma se deu esse esvaziamento dos atributos divinos do Messias Jesus. Mas sim, destacar a importância de podermos olhar o evento da *kenosis* como uma “transcendência inversa” de Deus, quando assume o mundo que criou, absolutamente inserido na realidade da vida. Esta transcendência se configura não como um movimento de saída deste mundo para outra realidade, mas de entrada nele como paradigma para regeneração e evolução humana.

O apóstolo João, começa seu Evangelho fazendo referência a Gênesis 1, “No começo era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava com Deus

no começo. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez... E o Verbo se tornou carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade, e vimos a sua glória, a glória do Filho único do Pai. (João 1:1-3, 14, NAA)”, e então fala sobre como o Verbo assumiu a condição de fragilidade e mortalidade, mesmo estando presente desde o começo e sendo responsável por todas as coisas. A palavra “carne” refere-se à limitação que o Verbo assumiu voluntariamente, pois Ele se cansa, sente sede (João 4:6-7) e passa por outras situações comuns aos seres humanos. Esse começo do Evangelho de João é extremamente significativo para a cristologia, ao afirmar que Cristo compartilhou da condição humana. Ele não apenas parecia humano, mas era verdadeiramente humano. Isso é uma diferenciação importante para aqueles que viam os deuses ou mesmo Deus como seres distantes e indiferentes à humanidade. Na época de Jesus, a religião do povo judeu estava centrada no Templo e em Jerusalém. Eles acreditavam que ali era a morada de Deus. No entanto, João afirma que o Verbo assumiu a mesma condição humana, ou seja, estava muito mais próximo do que poderíamos imaginar.

Na condição humana de Jesus, houve tentação, oração, clamor e lágrimas, obediência, adversidades, sofrimento, dor e morte - coisas que todos nós enfrentamos. E como Jesus era verdadeiramente humano, ele não foi privado de nenhuma dessas experiências. Tudo isso apenas reforça a afirmação de João: “o Verbo se tornou carne”, ou seja, Deus esteve entre nós por meio de seu Filho. Além disso, é importante considerar que, por ser verdadeiramente humano, Jesus estava limitado a um contexto específico.

Embora tenha reinterpretado certas leis, como o sábado, a oração e o jejum (muitas vezes dizendo: “Eu, porém, lhes digo”), Jesus não vivia como se estivesse fora de seu tempo e espaço. Outro ponto importante é que ele se envolveu com a realidade das pessoas humildes, marginalizadas e excluídas. Inclusive com aqueles que sofriam preconceito, como os samaritanos. João relata que Jesus não apenas encontrou uma mulher samaritana junto ao poço, mas também permaneceu com eles por dois dias (João 4:39-42). Ele não falava em linguagem complicada; mesmo quando tratava de assuntos espirituais, usava parábolas para explicar.

O principal texto que aborda esse assunto é o hino cristológico da carta aos filipenses, o qual Paulo utilizou para encorajá-los a seguir o exemplo de Jesus e, assim, promover a união entre os cristãos. Esse hino demonstra que o Filho de Deus, que existia na forma de Deus, não se apegou à sua igualdade com Deus, mas, ao contrário, assumiu a forma de servo, esvaziando-se e obedecendo até a morte, inclusive a morte de cruz.

⁵Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, ⁶pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; ⁷antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e reconhecido em figura humana, ⁸a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte de cruz. (Filipenses 2: 5-8)

A *kenosis* deve ser compreendida não apenas como algo ontológico, meramente existencial, mas como um agir existencial. É a ação de Deus presente na história; uma presença ativa que, ao se esvaziar, desafia a lógica do prepotente e quebra toda arrogância como caminho para a realização humana. Deixando como ensinamento que o ser humano só se realizará verdadeiramente à medida que estiver disposto a percorrer os mesmos caminhos e fazer as escolhas do Deus kenótico. Portanto, a *kenosis* é viva, atuante; chama à experiência e a ser experimentada, possibilitando ser aplicada e compreendida em diferentes situações ou contextos da vida. Agora cumpre-nos refletir sobre a expressão “kenótica” e sua utilização na teologia.

A teologia kenótica ou cristologia kenótica, apresentada pela primeira vez no final dos anos 1800 pelo teólogo alemão Gottfried Thomasius (1802-75), é baseada na ideia de que Jesus deixou realmente de lado parte de sua divindade para ser mais semelhante aos seres humanos, traz alguns dilemas e confrontos entre correntes teológicas. Filipenses 2: 6-7 é usado como texto de prova para a ideia de que Jesus “esvaziou-se”, conforme o kenoticismo, de Seus atributos divinos. Em contraponto, nos escritos bíblicos pode-se também entender que Jesus Cristo possuía plenamente uma natureza divina e uma humana, e as duas naturezas coexistiram. É interessante percebermos que apenas sobre a natureza divina de Cristo é criada uma problemática, não em sua natureza humana. Sendo facilmente aceito a realidade da humanidade de Jesus, poucos contestam o fato de que Jesus nasceu e viveu como ser humano. Jesus viveu com um corpo humano que experimentou nascimento, crescimento e todas as suscetibilidades físicas, fome, sede e cansaço como relatado no evangelho segundo João 4: 5-7:

⁵Chegou, pois, a uma cidade samaritana, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José. ⁶Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentou-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta.

⁷Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber (Bíblia, 1999, p. 256).

Provavelmente devemos olhar a *kenosis* citada pelo apóstolo Paulo, muito mais como uma renúncia de poder e vemos Jesus como exemplo daquele que subjuga seus impulsos e desejos pelo bem comum. Seus feitos relatados nos evangelhos não foram em benefício próprio, mas sempre em auxílio de outros, toda ação de Jesus sempre visava o Bem comum e dedicava seu ministério a ensinar e auxiliar as pessoas. Jesus ensinou por meio das “*caritas*”, palavra que tem origem no latim e significa “caridade” ou “amor ao próximo”, curando os enfermos, alimentando os famintos e acolhendo os marginalizados. Esse exemplo de amor e serviço aos outros é uma inspiração, em Mateus 9: 35-36:

³⁵E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades. ³⁶Vendo ele as multidões, compadeceu-se

delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas sem pastor (Bíblia, 1999, p. 1114).

A cada momento, Jesus demonstrava grande preocupação com a situação de cada ser humano e descreve como deve proceder aquele que busca a plenitude de uma vida altruísta em Mateus 25: 35-36: “Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver.” Os evangelhos também registram diversos momentos em que Jesus se expressa por meio de evidentes emoções que denotam sua humanidade, como na passagem relatada no evangelho segundo João 11:35 em que chora pela morte de seu amigo Lázaro, evidentemente por compaixão e empatia pela dor de seus amigos e familiares, também quando orou ao Pai, demonstrando sentir profunda tristeza e angústia diante de seu iminente martírio.

Vattimo defende que por meio da experiência de dissolução do sagrado, sendo Jesus seu precursor, passa-se a ver a história humana de forma que nos possibilite viver e praticar a fé cristã como uma verdadeira expressão do amor divino, concretizado no “amor ao próximo como a nós mesmos” em cumprimento a totalidade da Lei divina, como afirmado pelo apóstolo Paulo em carta aos Gálatas: “Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5:14).

Já a ideia de *kenosis*, ou esvaziamento do poder divino, exemplificada pela humanidade de Jesus, sugere que a divindade não se impõe de forma autoritária, mas se manifesta na fragilidade e na vulnerabilidade. Isso ressoa com o processo de secularização, que, longe de ser uma negação da espiritualidade cristã, pode ser visto como uma oportunidade para redescobrir o sagrado nas experiências cotidianas e nas relações interpessoais.

A secularização como possibilidade de realização da mensagem cristã

Percebendo a secularização como essência da Modernidade e do próprio Cristianismo, Vattimo diz que, do ponto de vista da religião, a ameaça apresentada pela sociedade técnico-científica contra o sujeito é encarada como uma dissolução dos valores sagrados. Esta ameaça é agravada pelo jogo político das interpretações babélicas dos meios de comunicação de massa, impedindo qualquer acesso à verdade e aplica a tudo isso também o nome de secularização.

Na modernidade tardia, a sociedade contemporânea não consegue mais vislumbrar a possibilidade de uma religião na qual há um Deus violento, absolutista e que deva ser temido, mas busca redescobrir a religião cristã onde Deus deseja ter um relacionamento conosco, vivenciado no aqui e agora. Vattimo pontua que a religiosidade cristã retorna ao interesse das pessoas, justamente quando o Cristianismo se choca com aquilo que há de mais belo, verdadeiro e justo na existência humana. Precisamos entender o processo de secularização como realização de uma história salvífica e de uma

transcendência inversa, realizada por meio do esvaziamento de poder e valorização das diferenças. Vattimo pontua que a secularização não representa a negação da religião e não suprime o espaço da fé, mas sim, realiza a transformação dos valores que estão ligados ao fenômeno religioso.

Conforme o filósofo canadense Charles Taylor⁴, originalmente e discordantemente do restante já produzido sobre o tema, a secularização pode ser considerada tanto em um primeiro sentido (a separação entre Estado e Igreja), como no segundo (o abandono da fé, e de convicções e práticas religiosas), mas para ele, ela se desvela mesmo é em um terceiro sentido: a fé como uma opção dentre tantas outras – “e, em geral, não é mais fácil de ser abraçada” (Taylor, 2010, p. 15). No contexto Latino-Americano, secularização é entendida também como um processo histórico vivenciado a partir da colonização e seus efeitos sobre a cultura da sociedade colonizada. Ao problematizar o conceito de secularização não significa que temos que desistir dele, nem como evidência empírica, nem como construto teórico. Para Taylor, trata-se, na verdade, de uma busca por alternativas na forma de compreensão do conceito e da própria sociedade dentro no desenrolar da história. Segundo seu entendimento, a teoria clássica da secularização (na linhagem weberiana) estava por ruir. Assim, Taylor assumiu a necessidade de um novo entendimento, ou seja, demonstrar que a secularização não traz consigo, necessariamente, o fim da religião, mas, sim, novas formas possíveis de se viver a fé. Porém, não como um padrão único de escolha resultante de uma falta de outras alternativas. Desta forma, com exceção de algumas expressões externas de preconceito contra as religiões e religiosos, apesar de haver também discriminação entre as religiões, a razão religiosa não se encontra impedida de expressão na disputa com as razões não religiosas na esfera pública.

Peter Berger⁵, conhecido pelo desenvolvimento de uma abordagem fenomenológica à sociologia do conhecimento e sua aplicação a temas como religião, família, modernidade, e desenvolvimento, em sua obra *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*, conta-nos como sua perspectiva quanto à relação entre modernidade e religião se transformou, nas últimas duas décadas, percebendo os desenvolvimentos sócio-históricos que ocorreram no mundo globalizado. Essa mudança de perspectiva levou Berger a substituir sua anterior teoria da secularização por uma teoria do *pluralismo*. A primeira afirmava que a modernidade provocaria um declínio do interesse pela religião, na ordem institucional, assim como nas consciências individuais de um modo que não se pode prescindir. Já a atual perspectiva sustenta que a transformação estrutural provocada pela modernização e pela secularização é uma adaptação multiforme

⁴ Charles Margrave Taylor (Montreal, 5 de novembro de 1931) é um filósofo canadense. É Professor Emérito de Filosofia e Ciência Política na Universidade McGill e tem contribuído com escritos sobre filosofia política, ciências sociais, história da filosofia e filosofia da religião.

⁵ Peter Ludwig Berger (1929 - 2017) foi um sociólogo e teólogo luterano austro-americano, conhecido por sua obra “A Construção Social da Realidade” publicada em coautoria com Thomas Luckmann.

da religião à pluralidade moderna de discursos, visões de mundo e organizações institucionais. E percebe que de outra forma o que se apresentava como uma tendência ao desaparecimento da religião, a modernidade seria marcada pela coexistência entre o discurso secular e diferentes discursos religiosos. Sendo que, aos indivíduos nesta conjuntura social, essa variedade de discursos se apresenta como opções a serem escolhidas e não como suposições naturais que não precisam ser demonstradas. De acordo com Berger,

Esta é [...] a diferença principal entre uma sociedade pré-moderna e aquela formada pela dinâmica relativizadora do pluralismo. Na última situação, mesmo as convicções apaixonadamente afirmadas têm um subtom de dúvida. Há sempre a lembrança persistente de que a pessoa precisa decidir-se a afirmar as supostas certezas e que outras opções estão disponíveis. [...] Em termos de religião, o nosso tempo não é tanto uma era de descrença quanto uma era de dúvida (Berger, 2017, p. 130-131).

Percebendo a secularização como essência da modernidade e do próprio Cristianismo, Vattimo diz que do ponto de vista da religião, a ameaça apresentada pela sociedade técnico-científica contra o sujeito é encarada como uma dissolução dos valores sagrados. Esta ameaça é agravada pelo jogo político das interpretações múltiplas dos meios de comunicação em massa, impedindo qualquer acesso à percepção da realidade e aplica a tudo isso também o nome de secularização. Sendo muito certo em sua percepção, Vattimo explora as implicações da revolução da comunicação em massa, especialmente a ascensão desses meios de comunicação, como a televisão e a internet, e como isso afeta nossa compreensão da verdade, da realidade e da própria filosofia. Ele argumenta que a sociedade pós-moderna é caracterizada pela pluralidade de perspectivas e pela falta de uma verdade absoluta. Vattimo sugere que as filosofias pós-modernas emergem como uma resposta a essa condição, desafiando os sistemas de pensamento tradicionais e enfatizando a subjetividade, a interpretação e a descentralização do conhecimento. Essas filosofias pós-modernas procuram desconstruir as estruturas e hierarquias tradicionais, questionando a noção de uma verdade objetiva e abrindo espaço para múltiplas interpretações e narrativas.

Na visão de Vattimo, o enfraquecimento que a filosofia descobre como traço característico da história do ser chama-se secularização, entendida em seu sentido mais amplo como abraço nas formas de dissolução do sagrado, característica do processo moderno de civilização. Não se pode entender e pensar a salvação, como ponto modal do debate sobre a secularização, a partir de um conceito dualista. Sendo assim, a história da salvação não pode ser refletida como algo contrário ao secular/ secularização. Em busca de um melhor entendimento de como a secularização conduz o pensamento sobre a religião e o próprio Cristianismo na sociedade contemporânea, Vattimo pontua que se na atualidade quisermos fazer uma leitura da secularização

como um lugar no qual se revela o plano de salvação de Deus, precisamos entender este processo como realização de uma história salvífica onde na dissolução do sacrado, daquilo que o apóstolo Paulo chama de *kenosis* em sua epístola aos Filipenses 2: 5-8,

⁵Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, ⁶pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; ⁷antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e reconhecido em figura humana, ⁸a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte de cruz (Bíblia, 1999, p. 1078).

Observemos que não é necessário subordinar a teologia aos conceitos filosóficos para que ela seja legítima. No entanto, é possível usar o raciocínio e a reflexão filosófica para formular uma teologia autêntica e saudável, que possa ser compartilhada publicamente e que seja equilibrada por uma fé raciocinada. Ao usar a filosofia como uma ferramenta para refletir sobre questões teológicas, é possível aprofundar nossa compreensão da fé e enriquecer a experiência religiosa. A teologia pode se beneficiar do rigor e da precisão do pensamento filosófico, ao mesmo tempo, se manter autêntica e capaz de se adaptar às mudanças culturais e históricas, abraçando uma abordagem mais pluralista e aberta ao diálogo com outras tradições religiosas e culturais, mantendo sempre uma conexão com as tradições religiosas e a práxis de uma espiritualidade abrangente.

Como conceito teológico, a secularização nos auxilia na compreensão da teologia e conforme podemos perceber no pensamento de Vattimo uma reabilitação do conceito de secularização, que se coloca como lugar onde se encontra a própria revelação divina, a escola na qual a humanidade aprende na práxis os ensinamentos divinos. Podemos também perceber que o processo de secularização para Vattimo, não representa a negação da religião, nem suprime o espaço da fé na sociedade, mas se apresenta como agente de transformação dos valores relacionados a religião. Em *Depois da Cristandade*, Vattimo afirma:

Se, contudo, a secularização é o modo pelo qual se atua o enfraquecimento do ser, ou seja, a *Kenosis* de Deus, que é o cerne da história da salvação, ela não deverá ser mais pensada como fenômeno de abandono da religião, e sim como atuação, ainda que paradoxal, da sua íntima vocação. É em relação a esta vocação para o enfraquecimento e para a secularização que uma filosofia coerentemente pós-metafísica deverá procurar entender e criticar, ainda, os vários fenômenos de retorno da religião na nossa cultura, com o efeito inevitável, porém, de pôr a si mesma em jogo (Vattimo, 2004, p. 35).

Vattimo sendo um cristão católico que se debruça sobre a tese de que a secularização pode ser vista como uma oportunidade para a religião se libertar de estruturas rígidas e dogmas inflexíveis, permitindo uma maior abertura à diversidade

cultural e religiosa. Tema recorrente em várias de suas obras, mas em especial no livro *Depois da Cristandade*, a tese de que a secularização não deve ser interpretada contra o Cristianismo, mas a partir do Cristianismo, é defendida por Vattimo em vários momentos. Essa tese deixa claro que o ocidente se tornou um retrato do Cristianismo secularizado, e se aspiramos compreender a secularização na história da civilização e suas consequências para a sociedade moderna, devemos observar bem este panorama. Vattimo pontua que não é de modo algum um ultraje ou escândalo pensar na revelação bíblica como uma história continuada, na qual a humanidade está inserida e envolvida, de forma que possamos redescobrir um núcleo da doutrina cristã que não seja dado por uma hierarquia sacerdotal sempre preocupada com sua autopreservação. Para Vattimo, Jesus vem para trazer luz às trevas dos fechamentos da sacralidade e dos dogmatismos. Jesus seria, então, o primeiro a dessacralizar as religiões naturais. Sua vinda revelaria, por exemplo, a não verdade da necessidade de render sacrifícios a Deus, pelo contrário, mostra-nos que Deus nos quer como amigos e participantes de sua criação. E declara em *Crer que se Crê*:

O que, portanto, sabemos e se torna claro para nós com a ideia de secularização como traço essencial da história da salvação é que não podemos e, sobretudo, não devemos deixar-nos afastar do ensinamento de Cristo por causa de preconceitos metafísicos, quer aqueles cultivados pela mentalidade cientificista ou historicista que consideram “logicamente” inaceitável, quer aqueles do autoritarismo eclesiástico que fixam, de uma vez por todas, o sentido da revelação na forma de mitos irracionais aos quais devemos aderir em nome da absoluta - metafísica e violenta - transcendência de Deus (Vattimo, 2018, p. 58).

Segundo Vattimo, podemos entender que a secularização não se traduz em um processo de deturpação ou violação da santidade das coisas sagradas, e não deve ser visto em contraste com a mensagem cristã, mas como parte integrante de sua construção. Encontramos na reflexão de Vattimo uma rota interessante e promissora para entendermos a relação entre Cristianismo e secularização. Vattimo argumenta que a secularização é de fato o melhor cenário para a concretização da centralidade da mensagem cristã na sociedade e que se apresenta como preparação para um novo modelo de Cristianismo.

Nas teologias contemporâneas de Dietrich Bonhoeffer⁶, podemos perceber a secularização não somente como um evento de evolução da compreensão humana sobre si mesma, mas como o lócus no qual Deus é revelado por meio do cumprimento de seu plano de salvação na história. Para Bonhoeffer, a secularização é um processo de libertação que se inicia na Reforma Protestante, que passa a enxergar o mundo de forma menos divinizada. Em suas anotações e cartas escritas na prisão, Bonhoeffer

⁶ Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) foi um teólogo, pastor luterano, membro da resistência alemã antinazista e membro fundador da Igreja Confessante, ala da igreja evangélica contrária à política nazista.

alerta que quanto mais a religião luta contra o processo de secularização e o coloca como algo anticristão, conseqüentemente, afasta a igreja e o Cristianismo da sociedade e questiona o que seria este Cristianismo ou como seria a representatividade de Cristo para a sociedade secularizada. Segundo Bonhoeffer, quando nos libertamos dos limites religiosos é que entendemos a radicalidade da mensagem cristã e passamos a vivenciar um Cristianismo autêntico e universal. A religião perde o caráter hegemônico e integrador da sociedade, sendo vivida de forma menos intensa, sendo apenas mais um subsistema entre tantos outros, e em momento algum passou a ser esquecida. Com o avanço da modernidade e, mais recentemente, da globalização, nesta sociedade da técnica e da ciência, a religião passou a ser experienciada difusamente, não hegemônica, porque a religião deixou de ser esse fator de integração na sociedade. Apesar disso, Vattimo aponta que nos últimos decênios houve um forte e significativo retorno da religião, mesmo nas sociedades globalizadas e secularizadas. E isso é uma característica importante para compreendermos as relações entre a modernidade e a pós-modernidade, se partirmos da ótica do fenômeno da secularização.

Em sua obra *Depois da Cristandade* (2004), Vattimo, a princípio, argumenta que a secularização é de fato a possibilidade de realização da mensagem cristã, e nos prepara para um novo modelo de Cristianismo. Aqui, devemos fazer um adendo e observar em Vattimo possíveis influências de Bonhoeffer na construção de seu pensamento filosófico, um diálogo de dois estudiosos separados pelo tempo. Tanto Vattimo como Bonhoeffer pensam o processo de secularização como algo inerente ao Cristianismo ocidental. Bonhoeffer, em suas “Cartas da prisão” alerta que quanto mais a religião luta contra o processo de secularização e o coloca como algo anticristão, conseqüentemente, afasta a igreja e o Cristianismo da sociedade e questiona como seria a representatividade de Cristo para a sociedade secularizada.

Ao se falar em secularização e não em secularismo, de modo que a secularização é vista por Vattimo como um movimento positivo na história, pois na secularização, Jesus se encarna em sua *kenosis*, fazendo parte da história. Ou seja, nós não estamos falando mais de um deus metafísico, tribal, mas de um Deus que toma a forma humana, que se encarna. Não havendo mais uma religião totêmica, um deus punidor, pelo contrário tem-se um Deus que se rebaixou, que se esvaziou por amor a humanidade. Como podemos ver nas cartas de Paulo aos Filipenses, no capítulo 2:

⁵Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus,

⁶que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se;

⁷mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens.

⁸E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!

Para Vattimo, a secularização significa, antes de tudo, o lugar onde se origina

uma parte essencial do sagrado, da qual a sociedade humana se distanciou. Porém, essa parte segue viva, apenas está em uma forma reduzida e distorcida. E identifica, desta forma, a secularização, como constituída essencialmente de uma autêntica experiência religiosa. Gianni Vattimo, não vê o processo de secularização anunciado por Nietzsche como algo ruim, mas, de certa forma, como um resgate do sentido positivo da revelação cristã. Em sua obra *Crer que se Crê*, observa:

Como se vê, estou apenas tentando desdobrar e articular de modo compreensível, e espero também persuasivo, o significado que teve para mim a “descoberta” do nexos entre ontologia fraca e ideia da secularização como sentido positivo da revelação cristã. Essa descoberta não só me fornece um ponto de vista unitário a partir do qual posso olhar para a época em que vivo, para a história da Modernidade e para o sentido da racionalização social, da tecnologia etc., mas reabre também o caminho para dialogar com a tradição cristã, à qual jamais deixei de pertencer (como, aliás, o mundo moderno no qual vivo), mas da qual não conseguia mais entender o sentido, desviado (escandalizado, literalmente: obstaculizado por pedras de tropeço) por causa da rigidez metafísica quer da mentalidade filosófica moderna, quer do fechamento dogmático-disciplinar da Igreja (Vattimo, 2018, p. 66).

Entendendo que a secularização é o realizar do Cristianismo e a maneira pela qual ele cumpre seu próprio destino, vemos que a pós-modernidade (ou modernidade tardia, como Vattimo prefere), inaugura condições de profundas mudanças nas estruturas da sociedade ocidental, desde seus aspectos políticos, sociais e religiosos. Evidenciando que, se planejamos compreender a secularização na história da civilização e suas consequências para a sociedade moderna, devemos observar bem este retrato. O que nos leva a necessidade de pensar novas formas de vivenciar e expressar em especial a religião cristã, possibilitando redescobrir o Cristianismo das origens, com seus princípios basilares sendo transmitidos no espaço público por meio de uma espiritualidade cristã desatrelada de dogmatismos, fechamentos eclesiais e do insulamento causado por eles.

A observação de Vattimo, por meio de Nietzsche, sobre o processo de secularização, leva-nos a pensar sobre como desenvolver novas formas de expressão da mensagem cristã em espaços públicos. Este processo de secularização tenderia levar a religião cristã a uma compreensão mais aprofundada, contextualizada e emancipada das mazelas da sociedade, e, assim, a implementar ações voltadas para um Cristianismo *kenótico*. A secularização não pode mais ser pensada como fenômeno de abandono da religião, mas como forma de realização, especialmente quando o Cristianismo apresenta sua vocação mais íntima como religião universal.

Observemos que Jesus em inúmeras demonstrações públicas em sua caminhada foi plenamente humano e são os evangelhos que assim o apresentam. E humanamente precisou confrontar o religioso e o sagrado, da forma como naquele tempo eram

compreendidos. Assim, Jesus enfrentou as normas religiosas, os sacerdotes e os rituais para ensinar o que realmente era importante no projeto de redenção. Do mesmo modo, torna-se imprescindível que a igreja cristã possa ser liberta de qualquer preconceito quanto a encontrar na fragilidade, na fraqueza, sua verdadeira força no sentido da busca e prática da religião como instrumento para nos religarmos com Deus e nos sintonizarmos com Sua criação. Pensar a religião cristã no contexto da secularização não quer dizer pensar em uma perspectiva negativa, pois a religião cristã não consegue frear o processo de secularização, que também não é mais capaz de negar o fenômeno religioso, sendo que os sentidos tradicionais de secularização, pareciam apontar para um eminente fim da religião, ideia que vem sendo substituída de acordo com Peter Berger, por um processo de pluralismo religioso multifacetado. Em *Depois da Cristandade*, Vattimo afirma:

[...] Reconhecido no seu “parentesco” com a mensagem bíblica da história da salvação e da encarnação de Deus, o enfraquecimento que a filosofia detecta como traço característico da história do ser se chama secularização, entendida no seu sentido mais amplo, que abrange todas as formas de dissolução do sacro que caracterizam o processo de civilização moderno. Se, contudo, a secularização é o modo pelo qual se atua o enfraquecimento do ser, ou seja, a *kenosis* de Deus, que é o cerne da história da salvação, ela não deverá ser mais pensada como fenômeno de abandono da religião, e sim como atuação, ainda que paradoxal, da sua íntima vocação. (Vattimo, 2004, p. 35)

Esta reflexão demonstra que no mundo material, sendo ele criação perfeita e plena de Deus, somente ações humanas contrárias à Sua sabedoria e providência é que profanam sua criação, eis o mal. E conclui que ao vivenciarmos ações práticas em sintonia com os ensinamentos trazidos pela *kenosis* do Messias Jesus, nos regeneramos e encontramos o bem comum como fonte de realização e aprendizado para a existência humana, eis a história da salvação.

Considerações

O presente artigo refletiu sobre o Cristianismo na pós-modernidade, especialmente através da lente de Gianni Vattimo, revelando uma transformação significativa na maneira como a experiência cristã pode ser vivenciada e compreendida. Vattimo, ao introduzir o conceito de “pensamento fraco”, propõe uma abordagem que desafia as estruturas rígidas e dogmáticas do passado, permitindo uma interpretação mais flexível e inclusiva da fé. Assim, observou-se ser possível e necessário refletir sobre como reencontrar a essência do Cristianismo das origens e seus preceitos basilares na pós-modernidade e em concordância com Vattimo, que o processo de secularização pode ser visto como início e possibilidade de realização da mensagem cristã na modernidade tardia.

Sendo um dos grandes anseios da humanidade a busca constante pela dignidade, liberdade, encantamento, acolhimento e percepção de sentido da vida. A partir dessas considerações, buscou-se validar tais propósitos divinos em contextos atuais e perceber a importância da reflexão sobre como o Cristianismo pode ser um elemento de coesão e pacificação diante dos conflitos que surgem com maior frequência na contemporaneidade. E para a comunidade cristã poder fomentar a conscientização, e consequentemente a promoção de um Cristianismo acolhedor, que se apresente com sua vocação de religião universal, deve-se buscar por ações e gestos que vão ao encontro das necessidades do ser humano no aqui e agora, não somente em uma esperança metafísica do porvir.

A exemplo de Cristo Jesus, que visava à salvação pelas ações em prol de uma vivência humanizada, a reflexão enfatizou a percepção da vida estruturada por meio de um Cristianismo encarnado, com foco na vida presente, por meio de uma compreensão mais abrangente e aprimorada da realidade. Destarte, ao abandonarmos a visão mecanicista de Deus e da vida e percebermos a vivência cristã e o pensamento como uma força viva que transforma a realidade, poderemos compreender a vida como uma cadeia de ações que envolve toda criação.

Conclui-se que a intersecção entre *kenosis* e secularização no pensamento de Vattimo oferece uma nova perspectiva sobre a fé cristã em um mundo pós-moderno. Ao enfatizar o esvaziamento e a abertura, Vattimo convida a uma reflexão sobre como a espiritualidade pode se adaptar e prosperar em um contexto de pluralidade e incerteza. Essa abordagem pode proporcionar um caminho para um Cristianismo mais inclusivo e relevante para os desafios da atualidade. Sendo que a comunidade cristã, em tempos desafiadores, deve seguir em busca desse Cristianismo kenótico, com novos contornos, que possa ressignificar seus valores, a dignidade humana, sua subjetividade e sua forma única de ser e experienciar a vida e o cuidado integral ao próximo.

Referências

BARTH, Karl. *A Proclamação do Evangelho*. Tradução de Daniel Sotelo; Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2000.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudos de Genebra*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COX, Harvey. *The Secular City: secularization and urbanization in theological perspective*. Princeton: Princeton University Press, 2013.

GIRARD, René. *Cristianismo e relativismo: verdade ou fé frágil*. Tradução de Antônio Bicarato. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

MOLTMANN, Jürgen. *Ética da esperança*. Petrópolis: Vozes, 2012.

RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni. *O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia*. Tradução de Eliana Aguiar; Paulo Ghiraldelli. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

TILLICH, Paul. *Filosofia de la religión*. Buenos Aires: Ediciones Megápolis, 1973.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Tradução Hossein Shooja; Isabel Santos, Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

VATTIMO, Gianni. *Crer que se crê: é possível ser cristão apesar da Igreja?*. Tradução de Klaus Brüscke. Petrópolis: Vozes, 2018.

VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade*. Tradução de Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.